

Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos, RODRIGUES, Ângela C.S. et alii (1996). "Formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo no plano textual-discursivo" in KOCH, Ingedore G. Villaça (org.) **Gramática do Português Falado Vol.VI: Desenvolvimentos**. Campinas,SP: Ed. da UNICAMP/ FAPESP, 1996: 415-462.

FORMAS DE PRETÉRITO PERFEITO E IMPERFEITO DO
INDICATIVO NO PLANO TEXTUAL-DISCURSIVO

Angela C. S. Rodrigues

Odette G. L. A. Souza Campos

Paulo de Tarso Galembek

Luís Carlos Travaglia

Pesquisadores auxiliares:

Beatriz de O. Longo

Renata M. Marquesan

Marila Cunha da Silva

Sandra Regina de Andrade

Luciane Alves dos Santos

1. *Observações preliminares*

Em estudo anterior sobre a flexão modo-temporal no português culto do Brasil (Campos, Rodrigues et al., 1993), tecemos considerações sobre as propriedades temporais das formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo. Dissemos, então, que o pretérito perfeito funciona como “âncora temporal” para o pretérito imperfeito: o tempo dêitico, o tempo do falante/ouvinte, no caso o pretérito perfeito, funciona como um antecedente para uma anáfora temporal no texto, isto é, liga todas as formas marcadas pelo tempo anafórico, no caso o pretérito imperfeito.¹ Em outras palavras, há que se pensar no MR (momento de referência) como uma noção que deve ser levada em conta no plano do texto,

o que se mostra evidente para a explicitação das formas de pretérito imperfeito: elas estabelecem relações nítidas intra-enunciado, enquanto a relação enunciado-enunciação se torna mais clara nas formas de pretérito perfeito. Pode-se falar, então, no valor coesivo do tempo verbal.

Tal constatação motivou-nos a levar em conta os traços discursivo-pragmáticos das categorias implicadas nas formas verbais de pretérito perfeito e imperfeito no plano textual, ou seja, o funcionamento textual-discursivo destas formas verbais, em termos de sua continuidade no texto como um todo (Travaglia, 1991, p. 96).

Constituiu objeto de análise neste trabalho o conjunto de formas verbais colhidas em 30 minutos de cada um dos 3 inquéritos de São Paulo (EF-405, DID-234 e D2-360) e Rio de Janeiro (EF-379, DID-328 e D2-355).

Consideremos, inicialmente, como material para reflexão, dois trechos dos inquéritos acima considerados.

- (1) Inf. tenho a impressão que ali *levou* tanto tempo de ensaio... bom eu quando:: *tinha* uns dezoito quinze a dezoito anos eu *estudei* balê... e *tive* oportunidade de trabalhar fazer uma cena com o:: balê russo... eu *era* alu/aluna de Maria Ulineva... então para mim *era* uma noviDade né? teatro porque só estudando estudando estudando quando *chegou* o balê russo aqui em São Paulo eles *pediram* que as alunas do do do da Prefeitura que *éramos* nós... aquele grupo TDo fosse fazer cena num num num dos números que eles apresentam *era Pássaro de Fogo* me parece... eu *achei* aquilo horroroso viu? me *chocou* tremendamente porque... éh por detrás dos bastidores é Uma coisa horrível né?...é tudo tão ::... parece tão tão mascarado sei lá e quando aparece em cena o público vê uma coisa totalmente bonita né?... aquelas luzes... quer dizer aquilo me *chocou era* tão criança eu me lembro que eu... já *achava*... diferente o Municipal *era* lindo maraviLHOso visto do lado de cá né?

(DID-SP-234: 254-270)

- (2) Inf. bom, voltando mais para trás ainda. No século XIX, e aí até a literatura e os filmes mostram né? como os japoneses *tiveram* que lutar contra o chamado imperialismo branco, não é? as incursões americanas, as incursões do Japão procurando se defender... e a melhor maneira que ele *encontrava* para se defender *era* atacando, não é? quer dizer, às custas de aumento de território por exemplo na na Malásia até na Austrália

na Índia e no Japão, o povo japonês, a população do Japão, extremamente grande para sua área e extremamente laboriosa no sentido de que... *sabia* que pra conseguir sobreviver, tá? *precisava* ampliar a sua área de atuação.

(EF-RJ-379: 58-67)

Em (1), a informante relata sua experiência de aluna de balé quando da vinda de uma companhia de balé russa a São Paulo: os fatos que constituem o núcleo de sua narrativa (*estudei, chegou* o balé, *pediram* para as alunas, *achei*, aquilo me *chocou*) estão expressos pelo pretérito perfeito e as circunstâncias secundárias que constituem pano de fundo para os acontecimentos passados (*tinha* dezoito anos, *era* aluna, *era* uma maravilha, *éramos* nós, *era* tão criança, já *achava*, *era* lindo) pelo pretérito imperfeito. Seus comentários a respeito do espetáculo ou dos bastidores do evento, ou seja, avaliação por ela elaborada no momento da enunciação (MEF) aparece representada por formas verbais no presente do indicativo (*é* um acoisa horrível, *é* tudo tão mascarado, *aparece* em cena, o público *vê*, eu me *lembro*).

Em (2), o informante relata fatos passados da história do Japão, dizendo que no século passado os japoneses tiveram que lutar contra o chamado imperialismo branco, fato ou evento nuclear de sua narrativa, indicado pelo verbo no perfeito (*tiveram*). As formas de pretérito imperfeito correspondem a fatos que complementam e explicitam o evento nuclear e têm por função permitir que os ouvintes formem uma representação do fato narrado.

O uso das formas de pretérito perfeito e imperfeito por parte dos informantes em seqüências como as acima transcritas sugere a possibilidade de interpretá-las numa perspectiva textual-discursiva, pois, nos textos sob análise, são narrados eventos passados com relação ao momento da enunciação (MF), tidos como efetivamente ocorridos, ordenados uns aos outros num eixo cronológico. Os protagonistas desses eventos são ou o próprio informante, que compõe uma narrativa na primeira pessoa, ou uma terceira pessoa. O termo de origem da ordenação é o momento, ou o intervalo, que contém um desses fatos: no DID-SP-234, explicitado em *quando tinha dezoito anos*, na EF-RJ-379, *no século dezenove*.

Podemos dizer, então, que as formas verbais sob análise constituem recursos lingüísticos resultantes de escolha no plano discursivo, pois resultam da intenção comunicativa do falante que assume o papel de narrador de eventos. Elas se materializam em textos e, por isso, podem ser vistas em correlação com certos tipos de textos, no caso dos textos em pauta, o texto narrativo. Buscamos, então, estabelecer tal correlação.

2. Formas de pretérito perfeito/imperfeito e tipologia textual

Adotamos a tipologia de Travaglia que “permite ver com mais clareza a relação estreita que há entre o modo de enunciação, o tipo de texto e os recursos lingüísticos empregados [...]” (Travaglia, 1991, p. 48). Das três tipologias sugeridas, consideramos a primeira delas, por ele considerada fundamental: descrição, dissertação, injunção e narração. Transcrevemos as observações do autor sobre cada um dos tipos.

“Em relação ao referente, ao objeto do dizer, ao assunto, para cada um dos tipos tem-se um modo de enunciação — considerando-se que o processo de enunciação ‘é uma atualização temporal e espacial do locutor em seu discurso’ (Orlandi, 1988, p. 47) — dado pela perspectiva em que o enunciador/locutor se coloca:

- a) na descrição, enunciador na perspectiva do espaço em seu conhecer;
- b) na narração, enunciador na perspectiva do tempo;
- c) na dissertação, enunciador na perspectiva do conhecer, abstraindo-se do tempo e do espaço;
- d) na injunção, enunciador na perspectiva do fazer posterior ao tempo da enunciação.

Cada um desses modos de enunciação estabelece um objetivo de enunciação, uma atitude do enunciador em relação ao objeto do dizer:

- a) na descrição, o que se quer é caracterizar, dizer como é;
- b) na narração, o que se quer é contar, dizer os fatos, os acontecimentos;
- c) na dissertação, busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor idéias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações;
- d) na injunção, diz-se a ação requerida, desejada; diz-se o que e/ou como fazer; incita-se à realização de uma situação” (Travaglia, 1991, pp. 49-50).

Impõem-se alguns esclarecimentos a respeito dos critérios de codificação adotados.

1. A adoção de uma perspectiva textual-discursiva na análise das formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo fundamenta-se no fato de os textos e/ou partes de textos terem sido considerados uma entidade funcional, que cumpre funções claras e precisas em cada situação específica de comunicação.

2. As formas verbais sob análise realizam-se no plano da frase. Por isso, levamos em conta a proposta de Labov e Valetzky para o estudo das narrativas, que, considerando os critérios formal e funcional, partem de uma entidade lingüística formalmente caracterizada — a oração, ancorando-se, assim, em um conceito gramatical, o que lhes garante uma certa objetividade de análise. Trata-se, justamente, da *oração narrativa*, unidade fundamental da narrativa. Labov e Valetzky identificam a “unidade narrativa básica como a oração que recapitula a experiência na mesma ordem dos eventos originais”. Nem todo tipo de oração é relevante em relação a esse aspecto, como acontece às subordinadas. Por isso, são consideradas unidades narrativas básicas apenas as orações sintaticamente independentes (Castro, 1980, pp. 15-16). Entretanto, tendo em vista os objetivos deste trabalho, consideramos: a) todas as formas de pretérito perfeito e de imperfeito, independentemente do estatuto sintático da oração em que se inserem; b) isolamos, então, não só as orações narrativas, mas também as orações descritivas e dissertativas.

3. De imediato se evidenciou a simplicidade estrutural das descrições e dissertações; de fato, elas correspondem a uma oração ou conjunto de orações que sugerem ou características de alguma coisa em observação ou conjunto de idéias a respeito do que está sendo observado. Observe-se a seqüência de orações descritivas na EF-SP-405.

- (3) eles *viviam* basicamente da coleta (1.67-68)
- (4) *eram* caçadores (1.68)
- (5) e *viviam* da coleta (1.68-69)
- (6) isto é *levavam* um tipo de vida nômade (1.69)

Ou o conjunto de orações dissertativas na EF-RJ-379.

- (7) as incursões *foram* quaisquer tipos de quê? (1.95-96)
- (8) não uma guerra de ocupação como *foi* a primeira (1.101-102)
- (9) então a Segunda Grande Guerra *foi* basicamente (1.109)

Os textos narrativos se contrapõem nitidamente às descrições e dissertações, dada a complexidade de sua estrutura. Ainda que eles não constituam narrativas em que se distinguem todas as unidades que, segundo Labov e Valetzky, integrariam uma narrativa completa e bem formada, algumas seções por eles sugeridas podem ser detectadas nos textos narrativos analisados, como é o caso do exemplo (1).

Podemos falar na existência de um conjunto de orações narrativas que cumprem a função referencial de expressar uma seqüência de eventos na mesma ordem em que eles se deram (*estudei lá, chegou o balê russo, pediram para as alunas*): essas orações constituem a *complicação*, parte fundamental do discurso narrativo. Na Tabela 1, correspondem às ocorrências rotuladas de *narrativa*. Por outro lado, a informante fornece ao documentador algumas informações a respeito do momento, do lugar, das circunstâncias relativas aos fatos narrados. Trata-se da *orientação*, que também cumpre uma função referencial, mas não constitui seção obrigatória do discurso narrativo. Por fim, a informante narradora faz uma apreciação sobre o momento por ela vivenciado na juventude no Teatro Municipal de São Paulo (eu *achei* aquilo horroroso, me *chocou* tremendamente). Trata-se da seção rotulada de *avaliação* que, estruturalmente, marca a separação entre a *complicação* e o *resultado* ou *resolução*, seção que não se concretiza na narrativa em apreço. Também o *resumo*, outro componente estrutural da narrativa, não aparece no exemplo de narrativa considerado. Ao detectarmos as unidades ou seções maiores que compõem o texto/discurso narrativo, pudemos estabelecer correlação entre formas verbais de pretérito perfeito e imperfeito e componentes estruturais maiores da narrativa, ainda que nenhuma delas tenha apresentado todas as seções sugeridas por Labov e Valetzky, ou seja: 1. sumário ou resumo; 2. orientação; 3. complicação; 4. avaliação; 5. resolução ou resultado; 6. coda. Tal correlação será explicitada no decorrer da análise dos dados.

4. Uma última observação a respeito de problemas de classificação das formas verbais em função de uma tipologia textual pode ser exemplificada pela seqüência de orações abaixo, retiradas da EF-RJ-379.

- (10) no início do século XX ou melhor no século XIX só *existiam* a Europa e a Ásia (1.38-39)
- (11) já *passavam* por passados (1.41)
- (12) o que não *acontecia* com América e com África (1.42)
- (13) então o Japão [...] ele *contava* como força fundamental (1.44-46)
- (14) a escassez dos recursos dentro da área *era* suprida por quê? (1.49)

As formas verbais que compõem trechos como estes, normalmente de pretérito imperfeito, foram consideradas parte da orientação de um texto narrativo. Na verdade, estes trechos constituem uma grande descrição (comum na orientação das narrações) da situação do Japão que permitiu o desenvolvimento industrial; o processo desse desenvolvimento seria narrado na complicação e

resolução, que, todavia, se reduzem no texto a trecho curto em que aparecem poucos verbos. Considerem-se as orações abaixo:

- (15) quer dizer a tecnologia baseada no artesanal tá? que *foi* uma tecnologia aprendida (l.91-92)
- (16) (indústria pesada) a que *fez* com que o Japão pudesse ser uma potência industrial (l.122-123)
- (17) se realmente a guerra *foi* perdida (l.125)
- (18) as condições [...] *fizeram* com que fosse perdida a guerra (l.126-127)
- (19) se o Japão *conseguiu* tudo isso (l.134)
- (20) e *chegou* à Segunda Grande Guerra (l.134-135)
- (21) como o Japão *conseguiu* sobreviver a uma segunda guerra (l.159-160)
- (22) onde toda sua todo seu material bélico *foi* arrasado (l.160).

Estes verbos não chegam a constituir uma história e temos, então, a *narracão não história*, que pode ser usada para dissertar, o que se espera numa EF que é uma aula de economia sobre o Japão. Trata-se de narrativas (curtas) que estão inseridas na dissertação; faz-se alusão a fatos passados como forma de justificar ou embasar os assuntos tratados. Outras pequenas narrativas, constituídas por um, dois ou três verbos, quase sempre estão no mesmo caso. Então, o que se observa é um intercâmbio de tipos.

Por outro lado, alguns verbos, como os que aparecem em:

- (23) as incursões [...] *foram* quaisquer tipos de quê? (l.95-96)
- (24) não uma guerra de ocupação como *foi* a primeira (l.101-102)
- (25) então a Segunda Grande Guerra *foi* basicamente uma guerra de ampliação de mercados (l.109-110)
- (26) *foi* uma guerra geral né? (l.128)
- (27) o milagre japonês *foi* realmente um milagre sabe? (168-169)
- (28) então *foi* um tipo de (l.184),

foram classificados como verbos de dissertação, pois constituem uma avaliação acerca da narrativa do desenvolvimento industrial do Japão. Essa avaliação não corresponde a uma história, mas a um comentário (dissertação), que, em realidade, representa uma forma híbrida de modalidade discursiva. Este tipo de recurso é muito comum quando se quer fazer dissertação no passado.

De posse dessas informações, buscamos verificar em que medida cada uma das formas de pretérito perfeito e imperfeito que se realizam no plano da

frase corresponderiam a um modo de enunciação, a uma atitude comunicativa do enunciador em relação ao objeto do dizer consubstanciados em diferentes tipos de textos ou partes (componentes estruturais) de textos. Foram consideradas as seguintes categorias: narrativa, resumo, descrição, dissertação, orientação, avaliação. Na Tabela 1 estão os resultados obtidos.

Tabela 1
Relação entre perfeito/imperfeito e tipo/parte de texto

	Perfeito	Imperfeito	Totais
Narrativa	90% = 402/445	10% = 43/445	65,44% = 445/680
Resumo	100% = 6/6	-	0,88% = 6/680
Descrição	10% = 5/52	90% = 47/52	7,64% = 52/680
Dissertação	48% = 11/23	52% = 12/23	4,70% = 23/680
Orientação	3% = 4/117	97% = 113/117	17,20% = 117/680
Avaliação	86% = 32/27	14% = 5/37	5,44% = 37/680
Total	68% = 460/680	32% = 220/680	680

Os resultados da Tabela 1 convalidam a hipótese de Weinrich (1968) confirmada em trabalhos sobre o verbo no português do Brasil (Castro, 1980; Travaglia, 1991). Segundo essa hipótese, observam-se determinadas afinidades entre certos tempos verbais e certas situações comunicativas. As formas de pretérito perfeito e imperfeito são escolhidas de maneira decisiva quando os falantes narram eventos, ou seja, nas situações comunicativas em que o mundo é relatado. Mais que isso, as formas sob análise referem-se a eventos passados com relação ao momento da enunciação (MEF) e são, portanto, formas típicas das narrativas de eventos passados. Os dados a seguir confirmam a correlação entre tipo de texto e formas que exprimem a categoria verbal tempo: de 680 ocorrências, 605 aparecem em textos/partes de textos narrativos, correspondendo a 89% do total de dados sob análise.

Por outro lado, os resultados confirmam a validade da hipótese da correlação entre formas de pretérito perfeito e imperfeito e componentes estruturais maiores da narrativa (Cf. 2, obs. 3.)

No resumo ou sumário, o total das ocorrências corresponde a formas de pretérito perfeito. Castro assim justifica a escolha destas formas: "É conveniente relebrar que o resumo é a seção da narrativa que sintetiza a experiência passada que constitui o objeto do discurso narrativo. O perfeito, prestando-se a expressar um fato singular, ocorrido e consumado num certo momento ou pe-

ríodo definido do passado, revela-se totalmente adequado a esta seção narrativa, constituindo-se, na verdade, em sua forma verbal típica” (Castro, 1980, p.59).

Como se esperava, na orientação o imperfeito é predominante, correspondendo a 97% dos casos, ou 113 ocorrências num total de 117. E, em virtude de seu valor aspectual de continuidade, duração de um processo verbal no passado, o pretérito imperfeito se presta “à descrição de personagens ou de objetos, de situações comportamentais, de locais e do quadro temporal relativo aos eventos passados focalizados na narrativa, já que esses elementos implicam um aspecto mais ou menos durativo” (Castro, 1980, p. 61), ou seja, a orientação é essencialmente descritiva, o que explica o uso do pretérito imperfeito.

A complicação, por outro lado, tem, no discurso narrativo, a função de expressar a seqüência dos eventos na mesma ordem em que eles se deram, sendo, portanto, seção narrativa fundamental. Como não poderia deixar de ser, o pretérito perfeito predomina de uma maneira significativa, correspondendo a 90% das ocorrências. Estas formas expressam eventos passados, não habituais, consumados, de ocorrência precisa (ou assim percebidos pelo falante) num certo momento ou num período definido do passado. Os 10% de casos de imperfeito aparecem em narrativas que podem ser rotuladas de hipotéticas ou irreais, como se observa em:

- (29) Inf.1 [...] eles *chegavam* pra você [...] e lhe *davam* um dinheiro... um sinal e *pagava* às vezes uma: chamada... [...] ele *passava* a incorporação e *saía* vendendo cotas do terreno [...] quer dizer ele simplesmente *tinha* a opção de venda [...] e *vendia* e daqui a pouco ele sumia com o dinheiro... e eu *ficava* sem o dinheiro

(D2-RJ-355: 643-662)

A substituição das formas de pretérito imperfeito por formas de pretérito perfeito transformaria em real a narrativa hipotética, na medida em que a nova narrativa corresponderia a uma sucessão ordenada de eventos passados a coincidir com uma experiência relatada.

Na avaliação das narrativas/partes de narrativas passadas sob análise predominam formas de pretérito perfeito, correspondendo a 86% das ocorrências. Tal resultado não coincide com os de Castro, que “mostrou ser justamente a variedade dos tempos verbais que caracteriza a avaliação” (Castro, 1980, p.77).

Confirma-se, até aqui, a hipótese básica do presente estudo: tendo em vista as categorias nelas implicadas, há fatos de uso das formas de pretérito perfeito e imperfeito que só são perceptíveis e/ou explicáveis numa perspectiva textual-discursiva.

3. Formas de pretérito perfeito/imperfeito e planos narrativos

Em trabalho anterior (Campos, Rodrigues et al., 1993), afirmamos que: 1. é possível postular uma dupla oposição — temporal e aspectual, constante e sistemática — entre as formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo; 2. a flexão constitui um dos recursos de que o português dispõe para expressão das categorias tempo e aspecto; 3. o aspecto perfectivo e o aspecto imperfectivo se expressam em português, respectivamente, nas formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo.

No presente trabalho, observamos que em (1), os eventos que constituem o núcleo da narrativa (complicação) são representados por formas de pretérito perfeito, que sinalizam fatos passados com relação ao MF, tidos como efetivamente ocorridos, acabados, cronologicamente ordenados uns em relação aos outros; as formas de pretérito imperfeito compõem o pano de fundo para os acontecimentos relatados. Podemos dizer, generalizando, que o português possui um paradigma verbal (tempo, aspecto e modo) especializado para expressão da distinção aspectual perfectividade/imperfectividade, pois, na narração, o seqüenciamento cronológico é feito por verbos que têm marcas formais indicadoras de aspecto perfectivo, correspondendo ao esqueleto do texto, sua estrutura básica; o não seqüenciamento é dado por verbos com marcas formais de aspecto imperfectivo, correspondendo a porções textuais que, de fato, não narram fatos, mas constituem seu suporte.

Por isso, Hopper (cf. Hopper, 1979, 1982; Hopper e Thompson, 1980) sugere que o seqüenciamento (perfectivo)/não seqüenciamento (imperfectivo) de acontecimentos seria o valor discursivo básico do aspecto, em algum sentido universal, do qual seriam derivados e gramaticalizados outros valores: o aspecto se apresenta, portanto, como uma categoria motivada discursivamente ou explicada no plano do discurso, na medida em que suas marcas formais constituem instrumento lingüístico de que dispõe o falante para indicação dos eventos que constituem o 1º plano da narrativa ou eventos seqüenciados, e o 2º plano ou eventos não seqüenciados.

Cabem algumas observações sobre a proposta de Hopper. Ele afirma que, em qualquer situação de fala, algumas partes do que é dito são mais relevantes do que outras. A parte do discurso que não contribui imediata e decisivamente para os objetivos do falante, mas que meramente os amplifica ou comenta, corresponde ao fundo ou 2º plano (*background*); em contraposição, o material correspondente aos pontos principais do discurso é chamado de figura ou 1º plano (*foreground*) (Hopper e Thompson, 1980, p. 280). Tal contraste parece estar ligado à relevância

temática (Travaglia, 1991, p. 103). Estudos têm mostrado que é na narrativa que se evidencia com clareza tal distinção, ou melhor, que ela constitui característica universal do discurso narrativo. O primeiro plano é caracterizado por apresentar orações que denotam eventos discretos, dinâmicos e ativos; essas orações formam a linha principal da narração. O 2º plano, por sua vez, é o material de suporte, cuja função primordial é ampliar, especificar ou comentar os eventos narrados no 1º plano.

As formas de pretérito perfeito exprimem eventos que não podem ser suprimidos, já que fazem parte de uma seqüência cronológica. As formas de imperfeito trazem informações adicionais e, assim, podem ser suprimidas, pois não pertencem ao fio principal da narrativa. Por tudo isso, buscamos correlacionar as formas verbais sob análise e os dois planos do discurso narrativo. Foram descartados, obviamente, os dados correspondentes às orações dissertativas e descritivas.

Tabela 2
Relação entre perfeito/imperfeito e planos narrativos

	Perfeito	Imperfeito	Totais
1º Plano	99% = 443/446	1% = 3/446	73,71% = 446/605
2º Plano	1% = 1/159	99% = 158/159	26,28% = 159/605
Totais	73% = 444/605	27% = 161/605	605

Os resultados confirmam o previsto: o 1º plano é dado por formas de perfectivo (99%) e o 2º plano é dado por formas de imperfectivo (99%), portanto, no plano discursivo, a função primordial da categoria aspecto é isolar os eventos e ações, que constituem o primeiro plano narrativo, dos comentários e observações, que formam o segundo plano narrativo.

O mesmo autor (Hopper, 1979, p. 216) enumera uma série de características da perfectividade e da imperfectividade, enquanto elementos que caracterizam cada um dos planos narrativos. O exame dessas características permite explicar a presença do perfeito e do imperfeito nos fragmentos narrativos do *corpus*.

3.1 Em nossas observações iniciais, justificamos a perspectiva de análise adotada no presente estudo com observações a respeito do trecho (1) correspondente a DID-SP-234: 254-270. Afirmamos que a seqüência cronológica dos acontecimentos é expressa pelos verbos no pretérito perfeito, que constituem o fio principal da narrativa; o imperfeito, por sua vez, não se refere propriamente aos eventos e ações narrados, mas às observações e comentários da narradora.

Essas observações e comentários acham-se inseridos na série de ações e eventos e não contribuem para a progressão dessa série. Por isso mesmo, o imperfeito desempenha um papel marginal em relação à seqüência narrativa de um dado fragmento.

Em termos de Hopper, a diferença entre as sentenças de 1ª e 2ª planos está relacionada com o fenômeno da seqüencialidade. Os eventos de 1º plano se sucedem uns aos outros na mesma ordem em que acontecem no mundo real, isto é, numa *ordem icônica*; ao contrário, os eventos de 2º plano não estão em seqüência em relação aos eventos do 1º plano, mas acontecem no mesmo momento. As formas de perfeito tendem a formar uma série que indica os fatos ou eventos que se sucedem e compõem o núcleo da narrativa; se se inverte a ordem das orações narrativas sem que o ouvinte seja alertado sobre tal inversão, os eventos passam a ser interpretados como ocorridos na nova ordem. Já o imperfeito exprime a simultaneidade ou sobreposição cronológica da situação C com o evento A e/ou B. Além disso, os eventos de 2ª plano podem estar localizados em qualquer ponto, ou mesmo em nenhum ponto, do eixo temporal. É o que acontece também no fragmento abaixo:

(30) Inf. [...] quando eu *cheguei* em Recife... nós *comemos* muita comida típica... tanto em Recife quanto em Salvador... as comidas baianas eu *gostei* muito sabe? eu *experimentei* de todas ... então *havia* restaurantes que eles *serviam* assim um pouquinho de cada coisa... então nós *comemos* muito xinxim de galinha... bobó de camarão...

(DID-RJ-328: 147-152)

Assim, codificamos as ocorrências levando em conta o papel do perfeito e imperfeito na seqüenciação de fatos e eventos. O resultado do cálculo de freqüência das formas segundo este critério está na Tabela 3.

Tabela 3

Relação entre perfeito/imperfeito e seqüenciação/não seqüenciação de eventos

	Perfeito	Imperfeito	Totais
Seqüenciação cronológica	99% = 443/446	1% = 3/446	73,71% = 446/605
Simultaneidade	1% = 1/159	99% = 158/159	26,28% = 159/605
Totais	73% = 44/605	27% = 161/605	605

Os resultados obtidos, que, aliás, coincidem com os da Tabela 2, confirmam que a seqüenciação cronológica é indicada por formas de perfectivo (99%), enquanto o não seqüenciamento, ou simultaneidade, é dado por formas de imperfeito (99%).

3.2 Outro aspecto relacionado com a oposição perfectivo/imperfectivo tem a ver com a perspectiva, isto é, o ponto de vista do produtor do texto, a partir do qual uma situação é apresentada. O perfeito representa eventos dotados de *intateira* e encarados como um todo; a complementação desses eventos constitui um pré-requisito necessário para a introdução do evento subsequente. Isso não ocorre com as formas do imperfeito, já que elas referem-se a observações, comentários, descrições, ou seja, àquilo que é marginal com respeito à seqüência narrativa. Os verbos do 1^a plano (perfectivo) exprimem eventos dotados de integridade, entendido como tal o fato de possuírem autonomia e existência própria dentro da série dos outros eventos.

Travaglia (1991, p. 109) explica o pensamento de Smith (1986) a respeito desta questão: “o ponto de vista do perfectivo é apresentar a situação como um todo e do imperfectivo é apresentá-la não de modo global, em sua totalidade, gerando valores como os de situação em andamento e continuidade, entre outros”.

O que foi dito pode ser ilustrado pelos exemplos (1) (Cf. 1 deste estudo) e (31) abaixo.

(31) Inf. *assisti* um filme... *era* sobre droga... eu não me lembro o filme... de um rapaz e uma moto aquilo me *chocou* tremendamente... *assisti* em Araraquara... eu não lembro o nome do filme... umas CEnas DOIdas... eles *tomavam* entorpecentes e as cenas ah ah uma das cenas me *chocou* profundamente eu eu *saí* de lá do cinema a::/arrasada...

(DID-SP-234: 377-383)

Em (1) observa-se uma seqüência narrativa formada pela sucessão de verbos no perfectivo (*estudei, tive, larguei, veio*). Embora formem uma série, esses eventos bastam-se por si e podem figurar em orações sintaticamente independentes: “Depois eu *larguei* [o balé]. Mas o balé russo *veio* para cá. Nessa ocasião *fomos* fazer fundo para eles.”

O exemplo (31), por outro lado, mostra também que o imperfeito não tem existência própria, pois normalmente aparece amarrado a um verbo no perfeito: “*era* sobre droga” liga-se a “*assisti* um filme”; “eles *tomavam* entorpecente”

associa-se a “*assisti* em Araraquara”. A questão da ancoragem temporal das formas de pretérito perfeito e imperfeito já foi discutida em trabalho anterior (Campos, Rodrigues et al., 1993).

A Tabela 4 revela a frequência de uso de formas de pretérito perfeito e imperfeito quanto ao ponto de vista do produtor dos textos sob análise.

Tabela 4

Relação entre perfeito/imperfeito e integridade/ não integridade dos eventos

	Perfeito	Imperfeito	Totais
Complementação	99% = 442/445	1% = 3/445	73,55 = 445/605
Não complement.	1% = 2/160	99% = 158/160	26,44 = 160/605
Totais	73% = 444/605	27% = 161/605	605

Os percentuais obtidos confirmam a hipótese formulada: de fato, 99% das formas de pretérito perfeito correspondem a eventos encarados como um todo completo, acabado, por parte do falante, enquanto as formas de pretérito imperfeito, em sua quase totalidade, carregam a noção de situação em andamento ou continuidade.

3.3 Hopper (1979, p. 216) sugere outra propriedade da distinção entre 1^a e 2^a planos, relacionada com *identidade/não identidade* de sujeito dentro de cada episódio discreto da narrativa. As formas de perfeito tendem a se referir a um único sujeito, enquanto freqüentes mudanças de sujeito ocorrem com formas de valor imperfeito. É o que sugerem as formas sob análise em (32).

(32) L2 [...] eu *pus* ele em uma escola ele não *gostou* daquela... aí eu *achei* que realmente a escola não *preenchia* tudo ... que eu gostaria que preenchesse e então eu *tirei*... aí eu *procurei* bastante *escolbi foi escolhida* a que eles estão... como sendo na opinião de muita gente uma das melhores et cetera et cetera... tudo que *tinha*... *peguei* todos os requisitos... *fiz* ((risos)) *estudei* bem *fiz* um estudo certinho para ver qual era a melhor [...]

(D2-SP-360: 389-397)

No fragmento citado, os verbos no perfeito, com exclusão de *gostou*, têm o mesmo sujeito (*eu*), ao passo que o sujeito dos verbos no imperfeito é variável: *a escola* não preenchia; tudo que tinha (sujeito inexistente ou, em outra interpretação igualmente possível, *a escola*); *qual (escola)* era melhor.

Os resultados da análise dos dados com relação a este fator estão na Tabela 5.

Os resultados da Tabela 5 não confirmam com tranqüilidade a hipótese formulada, pois, se a maioria das formas de perfeito apresentam identidade de sujeito (79% dos 347 casos), sujeitos diferentes também se referem, na sua maioria, a formas de pretérito perfeito (67% de 257 casos), quando se esperava uma relação diversa desta última manifestada pelos dados. Sequências como as abaixo transcritas revelam, de um lado, uso de imperfeito com o mesmo sujeito e, de outro, uso de perfeito com sujeito diferente.

Tabela 5

Relação entre perfeito/imperfeito e identidade / não identidade de sujeito

	Perfeito	Imperfeito	Totais
Identidade	79% = 273/347	21% = 75/347	57.45% = 347/605
Não identidade	67% = 171/257	26% = 86/257	42,55% = 257/605
Totais	73% = 44/605	27% = 61/605	605

- (33) Inf.1 [...] um tio que eu... per/... faleci/... falecido há pouco tempo [...] me *dizia* o seguinte [...] a relação salário / aluguel quando ele *casou* [...] então ele me *dizia* que ele *ganhava* é, é pra pagar um aluguel relativo à quarta parte do salário dele, ele *era* formado em Odontologia...

(D2-RJ-355: 07-15)

- (34) L2 [...] depois disso ainda *ti/tive* problemas de...saúde [...] o endocrinologista *proibiu* terminantemente que eu tenha filhos [...] então *desistimos*... eu pelo menos *desisti*...

(D2-SP-360: 76-90)

3.4 Em trabalho anterior, Campos e Rodrigues (1993) desenvolveram estudo sobre a correlação entre valores da base lexical do verbo e morfemas modo-temporais; formularam a hipótese da existência de uma possível *harmonia formal e semântica* a envolver os componentês das formas verbais de pretérito perfeito e imperfeito em português. Assim, formas de imperfeito corresponderiam a verbos de estado, enquanto os demais seriam usados com maior frequência no perfeito. Nesse caso, a adição de morfemas modo-temporais seria procedimento utilizado para reforçar o conteúdo primário das bases lexicais.

Esta questão também é levada em conta por Hopper (1979, p. 215) no plano textual-discursivo, que explica: em virtude de as frases do 1º plano indicarem eventos discretos de uma narrativa, em geral seus verbos tendem a ser pontuais, mais do que durativos ou iterativos. Esta relação pode ser exposta em termos de

correlação entre a Aktionsart intrínseca, lexical, do verbo e o aspecto, categoria condicionada discursivamente. Em outras palavras, é possível formular a hipótese de que o perfectivo se relaciona com a expressão de eventos dinâmicos, com as noções de movimento, ação, transformação (cinese), ao passo que o imperfeito se refere a estados e situações descritivas; ou melhor, com os verbos que apresentam o traço [+ dinâmico] (verbos de ação, de ação-processo e de processo) (Borba et al., 1990) predomina largamente o perfeito, enquanto nos verbos de estado o tempo predominante é o imperfeito.

O fragmento a seguir ilustra as idéias acima expostas: nele os verbos no perfeito classificam-se como verbos de ação (*mexer*), de ação-processo (*encostar*) e de processo (*ficar*, *perceber*). Já o verbo no imperfeito inclui-se entre os verbos de estado.

- (35) Inf. [...] no momento em que o homem... pré-histórico por uma razão qualquer *mexeu*... no carvão *mexeu* nos ossos carbonizados *ficou* com a mão... suja preta... e *encostou* as mãos na parede... ele *percebeu* ele *era* capaz de CRIAR::... criar uma imagem::... que TANTA semelhança com o objeto real... que *era* a mão dele...

(EF-SP-405: 181-8)

Constituem exceção a essa regra os verbos de estado que apresentam o argumento (sujeito) experimentador (*gostar*, *apreciar*, *preferir*). Esses verbos expressam estado, mas figuram predominantemente no perfeito devido ao valor semântico do argumento 1 (experimentador). Observe-se o fragmento seguinte.

- (36) Inf. Ma/é... também não lembro o nome da peça mas me parece que *era*... Um grito num
Doc. parado no ar...
Inf. ach/não não foi essa... *gostei* muito... dois artistas só mas a peça valeu viu? também palavras...
Doc. uhn::eu já sei
Inf. *gostei* muito de Hair... Aí *achei* fabuloso...cenário de *Hair* uma m::Maravilha [...]

(EF-SP-234: 377-83)

O verbo *gostar* é empregado no perfeito porque indica um evento que se situa no primeiro plano narrativo, pois se encaixa entre os eventos que constituem o fio principal da narrativa. Ao contrário dos demais verbos de estado, *gostar* não exprime um comentário ou observação complementar, mas indica um evento,

uma experiência única, que não se repete. Dessa forma, é plenamente justificado o emprego do perfectivo, forma verbal que tem valor pontual ou momentâneo.

As formas de pretérito foram, então, analisadas em função da relação entre perfectividade e dinamismo, por um lado, e imperfectividade e estaticidade, por outro. Os resultados estão na Tabela 6.

Tabela 6
Relação entre perfeito/imperfeito e dinamismo e estaticidade

	Perfeito	Imperfeito	Totais
V. dinâmico	81% = 361/446	19% = 85/446	65,87% = 446/677
V. estático	43% = 98/231	57% = 132/231	34,12 = 231/677
Totais	68% = 459/677	32% = 217/677	677

Os valores obtidos sugerem observações referentes à hipótese de Hopper. Evidencia-se, com certeza, a correlação entre noção de dinamismo e valor perfectivo: dos 441 verbos dinâmicos, 361 deles estão no pretérito perfeito, correspondendo a 81% das ocorrências; entretanto, ainda que predominem formas de pretérito imperfeito de verbos estáticos (57% de 231 ocorrências), ocorre também um número significativo de formas de pretérito perfeito. Pensamos que a explicação para tal fato seja aquela sugerida a respeito das formas do exemplo (35).

Por outro lado, tal justificativa levou-nos a pensar na possibilidade de se relacionar as noções de dinamismo e estaticidade da forma verbal com o tipo de texto e as unidades ou seções maiores que compõem o texto narrativo (cf. 2, obs. 3 e 4). Os resultados do cruzamento desses fatores estão na Tabela 7.

Os resultados da tabela 7 são bastante reveladores, na medida em que confirmam o que a literatura sobre tipologia textual tem sugerido a respeito da predominância de verbos de estado nas descrições (e nós acrescentamos: nas dissertações também) e de verbos de situação dinâmica na narração (Travaglia, 1991, p. 96).

Mais especificamente, ãa complicação, que constitui o núcleo da narrativa, correspondente ao conjunto de orações narrativas que cumpre a função referencial de expressar uma seqüência de eventos na mesma ordem em que eles se deram, do total de 445 verbos, 348 são verbos dinâmicos, contra 97 verbos estáticos. Em contraposição, do total de 72 formas de perfeito/imperfeito na descrição e na dissertação, 51 são de verbos estáticos e 21 de verbos dinâmicos. Percebe-se ainda um relativo equilíbrio entre verbos estáticos e verbos dinâmicos na orientação e na avaliação, mas, apesar da pequena quantidade de dados, podemos dizer que no resumo predominam verbos dinâmicos.

Tabela 7

Relação entre valor semântico da forma verbal e tipologia textual

Texto	Verbo	Dinamismo	Estaticidade	Totais
	Aspecto			
Narrativa	Perfeito	95% = 329/348	75% = 73/97	90% = 402/445
	Imperfeito	5% = 19/348	25% = 24/97	10% = 43/445
Subtotal		78,20% = 348/445	21,79% = 97/445	65,73% = 445/677
Resumo	Perfeito	100% = 5/5	100% = 1/1	100% = 6/6
	Imperfeito	0% = 0/5	0% = 0/1	0% = 0/6
Subtotal		83,33% = 5/6	16,66% = 1/6	0,89% = 6/677
Descrição	Perfeito	22% = 4/18	3% = 1/34	10% = 5/52
	Imperfeito	78% = 14/18	97% = 33/34	90% = 47/52
Subtotal		34,62% = 18/52	65,39% = 34/52	7,68% = 52/677
Dissertação	Perfeito	33% = 1/3	59% = 12/17	55% = 13/20
	Imperfeito	67% = 2/3	41% = 8/17	45% = 10/20
Subtotal		15% = 3/20	85% = 17/20	2,95% = 20/677
Orientação	Perfeito	6% = 3/52	2% = 1/65	3% = 4/117
	Imperfeito	94% = 49/52	98% = 64/65	97% = 113/117
Subtotal		44,44% = 52/117	55,55% = 65/117	17,28% = 117/677
Avaliação	Perfeito	95% = 19/20	76% = 13/17	86% = 32/37
	Imperfeito	5% = 1/20	24% = 4/17	14% = 5/37
Subtotal		54,05% = 20/37	45,95% = 17/37	5,17 = 37/677
Totais	Perfeito	81% = 361/446	43% = 101/231	68% = 462/677
	Imperfeito	19% = 85/446	57% = 133/231	32% = 218/677
Total		65,88% = 446/677	34,23% = 231/677	677

Assim, confirma-se a procedência da correlação entre tipo de texto/seções maiores do texto e dinamismo/estaticidade das formas verbais sob análise.

3.5 Para confirmar a idéia de que muitas línguas dispõem de marcas formais de flexão específicas para concretizar a distinção entre 1ª e 2ª planos, Hopper (1979, pp. 216-18) se utiliza do francês, língua que distingue formas de *passé simple* (1ª plano) das de *imparfait* (2ª plano). Confirma a procedência da hipótese com os resultados do trabalho de Reid (1976), cuja distinção entre o que ele chama de *high focus* e *low focus* aproxima-se da sua noção de planos narrativos.

Hopper considera distinções aspectuais como a do francês explicáveis no plano do discurso. Assim, por exemplo, “ações são afirmadas, têm agentes humanos, que são uma só pessoa”. Tal afirmação sugere a possibilidade de se estabelecer correlação entre perfeito/imperfeito e *natureza do tópico sentencial* (sujeito). O perfectivo apresenta, em geral, tópicos humanos, como pode ser verificado no já citado exemplo (1), no qual os sujeitos dos verbos no pretérito perfeito têm, em sua maioria, o traço [+humano]. Os sujeitos dos verbos no imperfeito não apresentam necessariamente esse traço; ao contrário, uma das características do imperfeito é o fato de ele apresentar uma variedade de tópicos, incluindo fenômenos naturais.

Na Tabela 8 estão os resultados do cálculo de frequência das formas de perfeito/imperfeito em função da natureza do tópico sentencial.

De fato, os resultados confirmam a hipótese de que sujeito/tópico sentencial [+humano] tende a combinar-se com formas de perfeito (72% de um total de 432 ocorrências). Entretanto, os percentuais de perfeito e imperfeito não são tão diferentes quando o sujeito sentencial não apresenta este traço (60% e 40%, respectivamente). Aliás, tais resultados não confirmam a hipótese formulada, pois era de se esperar um percentual maior de formas de imperfeito com sujeito variado.

Tabela 8

Relação entre perfeito/imperfeito e natureza do tópico sentencial

	Perfeito	Imperfeito	Totais
Humano	72% = 313/432	28% = 119/432	63,81% = 432/677
Variado	60% = 147/245	40% = 98/245	36,18 = 245/677
Totais	68% = 460/677	32% = 217/677	677

3.6 Fundamentados em Hopper (1979), explicamos em 3.1 que, em qualquer situação de fala, algumas partes do que é dito são mais relevantes do que outras, donde a distinção entre 1ª e 2ª planos, que se evidenciam com clareza no texto narrativo. O 1º plano apresenta orações que formam o fio principal da narração; o 2º plano, por sua vez, é o material de suporte, cuja função primordial é ampliar, especificar ou comentar os eventos narrados no 1º plano. Na narração propriamente dita, o autor declara a ocorrência de eventos; o comentário, entretanto, não constitui a apresentação de eventos na seqüência cronológica da história, mas corresponde a observações que são contingentes e dependem da cronologia dos fatos. Pode-se falar, então, em maior ou menor *grau de proximidade da*

realidade por parte dos fatos de 1ª e 2ª planos, de maior ou menor grau de *assertiveness*, em termos de Hopper (1979, p. 216).

Podemos dizer que o perfectivo relaciona-se com a expressão do real, de eventos que de fato aconteceram ou como tal são considerados. O imperfeito exprime preferencialmente valores genericamente relacionados com a irrealidade: opinião, desejo, intenção, suposição. Veja-se o exemplo a seguir.

(37) L1 ...ter sido escolhida uma procuradora para dirigir A procuradoria geral que é um... um cargo assim de muito:::relevo não?

L2 ahn

L1 na::administração... *causou* uma certa:: um certo ciúme sabe?... e ela *teve* dificuldade no início mas parece-me que agora é porque ela queria SOZINHA... fazer tudo... sabe?

(D2-SP-360: 757-64)

Os verbos no perfeito (*causou e teve*) relacionam-se com fatos reais (ou tidos como tais), enquanto o imperfeito do verbo modalizador (*queria*) exprime claramente algo que pode realizar-se ou não (opinião, suposição).

No exemplo a seguir, o imperfeito é utilizado para a expressão de um desejo ou propósito, de cuja realização o informante não tem plena certeza.

(38) L1 ué, se um apartamentozinho que eu agora *estava* querendo alugar, des-se que, ali na trezentos e catorze...

L2 esse aqui atrás

L1 não, não é o meu, o outro que eu *estava* querendo alugar pra fazer o, o atelier...

(D2-RJ-355: 35-9)

Para Travaglia (1991, p. 115), os valores realidade/irrealidade, importantes para o funcionamento textual-discursivo do verbo em português, estão relacionados com “fatos de uso do verbo devidos ao que chamamos de valores discursivos básicos.” Estes, por sua vez, “estão ligados à relação do falante com o que diz, a imagem que ele faz do assunto, do tópico ou da imagem que quer fazer acreditar que tem desse assunto ou tópico”.

Em síntese, formas de perfectivo exprimem fatos, eventos reais ou com grande probabilidade de sê-lo, enquanto formas de imperfeito sugerem fatos que se aproximam mais do irreal. Assim, buscamos correlacionar as formas verbais de perfeito e imperfeito com as noções de realidade e irrealidade, inclusive aquelas das orações descritivas e dissertativas. Os resultados obtidos estão na Tabela 9.

Tabela 9
Relação perfeito/imperfeito e realidade/irrealidade

	Perfeito	Imperfeito	Totais
Realidade	71%=460/650	29%=190/650	96%=650/677
Irrealidade	0%=0/27	100%=27/27	4%=27/677
Totais	68%=460/684	32%=217/677	677

Constata-se de imediato que, para expressão da realidade, tanto formas de perfectivo como formas de imperfectivo são utilizadas, com nítida vantagem para as de perfectivo (71% ou 460 em 650 casos). Foram consideradas portadoras da noção de realidade formas de imperfectivo como as que aparecem nos segmentos abaixo, ainda que se possa falar em “graus de realidade” diversos a envolver os eventos representados pelas formas sob análise. Os segmentos abaixo exemplificam a questão.

(39) L1 eu *trabalhava* no serviço social do Estado... [...] mas:... *trabalhava* al/no:: albergue noturno... [...] mas:... *fazia* o atendimento do pessoal... *encaminha::va*... e:...

(D2-SP-360: 426-438)

(40) Inf. [...] porque antigamente no tempo que eu *estudava* o o estudante quase não *ligava* para isso [...] que antigamente no meu no tempo que eu estudava não se... não se *via* isso...

(DID-SP-234: 484-90)

(41) Inf. [...] *havia* três ou quatro citações que *faziam* referência exatamente a isso que estilo *mudava*... com... a mudança...de vida...

(EF-SP-405: 105-7)

Para expressão da noção de irrealidade apenas formas de imperfectivo foram escolhidas pelos interlocutores do NURC-Brasil (100% dos 27 casos). Já nos referimos, na seção 2, às narrativas que podem ser rotuladas de hipotéticas ou irreais, como a dos exemplos (29) e (42) que segue.

(42) L1 [...] naquela época logo após guerra de quarenta e cinco [...] você *comprava* um apartamento às vezes *entrava* numa chamada incorporação em que o cidadão que *estava* incorporando ele não *era* o dono do terreno ainda

(D2-RJ-355: 631-35)

Estas observações nos levam a concluir que o pretérito imperfectivo do indicativo pode ser usado para apresentar a situação como irreal, donde um va-

lor modal, (além do temporal e do aspectual) que se explicita no plano textual-discursivo (cf. Campos e Rodrigues, 1993)

3.7 Hopper (1979) e Hopper e Thompson (1980) não incluem a *pessoa gramatical* entre os fatores de análise já mencionados na primeira parte desta exposição. Ocorre, porém, que considerações análogas àquelas já feitas a respeito dos fatores já analisados podem ser estendidas para as pessoas gramaticais.

A tabela a seguir expõe a relação entre os pretéritos perfeito e imperfeito e as pessoas verbais.

Tabela 10
Relação entre perfeito e imperfeito e pessoa verbal

Pessoa verbal	Perfeito	Imperfeito	Totais
1ª	85% = 201/237	15% = 36/237	37,5% = 237/632
2ª	90% = 18/20	10% = 2/20	3,16% = 20/632
3ª	59% = 222/375	41% = 153/375	59,33% = 375/632
Totais	70% = 441/632	30% = 191/632	632

A primeira verificação a respeito do quadro anterior refere-se ao fato de ser bastante reduzido o emprego de formas de segunda pessoa em face das demais: como se pôde ver, as formas de segunda pessoa correspondem a pouco mais de 3% do total de ocorrências. Cabe acrescentar, a esse respeito, que foram incluídas entre as formas de segunda pessoa não só as que acompanham os pronomes *tu* e *vós*, mas também as que se constroem com *você* ou *vocês*. Embora as gramáticas considerem *você* ou *vocês* pronomes de tratamento, eles representam, na maior parte do território nacional, os pronomes de segunda pessoa.

Outra verificação suscitada pela tabela anterior é o predomínio das formas de terceira pessoa sobre as demais (59,33%), o que revela que, nos textos analisados, prevalece a exposição de assuntos externos aos interlocutores.

Dado o pequeno número de formas de segunda pessoa, as análises efetuadas incorporam as duas primeiras pessoas. Desse modo, foram seguidas as idéias de Benveniste (1976, p. 250 e ss.), que isola as pessoas que representam os interlocutores (ou seja, aquelas que entram diretamente no diálogo) e a terceira pessoa, chamada de não-pessoa por remeter a seres exteriores ao eixo falante-ouvinte.

A relação entre o uso desses tempos verbais e as pessoas gramaticais indica, inicialmente, que o perfeito predomina largamente com a primeira e segunda pessoas (85% e 90%, respectivamente) ao passo que, com a terceira pessoa, a

prevalência das formas de perfeito não é tão acentuada (59% — perfeito; 41% — imperfeito).

Essa distribuição fundamenta-se em fatores de natureza discursiva e leva em consideração a distinção entre o primeiro e o segundo plano narrativo. As pessoas alocutárias, ou seja, aquelas que indicam os participantes do ato conversacional (especialmente a primeira) são precipuamente empregadas na exposição de atos e eventos que constituem o fio principal da narrativa; as duas primeiras pessoas localizam-se, pois, no primeiro plano narrativo:

- (43) (A informante fala que optou pelo Curso Normal por ter perdido o pai)
L1 [...] mas desde o momento em que eu... o *perdi* eu::*preferi* uma carreira profissionalizante para que eu tivesse chance de já trabalhar assim... que formar não é? e:: dá me *empolguei* pelo magistério *lecionei* algum tempo... e:: ao terminar o normal eu logo *optei* pela pedagogia que *era* um curso assim que dá uma cultura... geral BOA não é?... ah o nosso curso *foi*... bem dado e tudo mais e eu *gostei*... e não *fiz* outra:: outras especializações dentro outras especializações não... outra::: não *segui* outras carreiras ah:::... que o curso de pedagogia daria possibilidade como o caso da orientação educacional [...]

(D2-SP-360: 1569-81)

No fragmento citado, os verbos no perfeito figuram na primeira pessoa, com exceção de *foi dado*, e representam uma série de eventos e fatos que se sucedem, formando um todo: *perdi*, *preferi*, *empolguei*, *lecionei*, *optei*, *gostei*, *fiz*, *segui*. A única forma de imperfeito desse fragmento está na terceira pessoa (*era*) e figura em um comentário ou observação paralela. Cabe acrescentar que os verbos no perfeito (exceto *gostei* e *preferi*) são verbos de ação ou de processo, fato que será discutido ainda nesta secção. As narrativas em primeira pessoa têm caráter pessoal e relatam fatos vividos ou experienciados pelo informante, em relação ao assunto tratado.

No fragmento a seguir, os verbos no perfeito (*comecei*, *comecei a trabalhar*) figuram na primeira pessoa, ao passo que as ocorrências de imperfeito estão na terceira pessoa (*ia*) ou na primeira (*trabalhava*). Nesse caso, não há propriamente distinção entre primeiro e segundo plano, mas entre um evento localizado precisamente no eixo temporal (*comecei a trabalhar há dois anos*) e eventos que não possuem essa localização precisa (*ele já ia à escola de manhã; só antes eu não trabalhava*). Por isso mesmo, os eventos indicados por verbos no imperfeito estão “ancorados” em um advérbio de tempo (antes) ou oração temporal (quando eu comecei trabalhar).

- (44) L2 ele já *ia* à escola de manhã que eu comecei quando eu *comecei* trabalhar... *comecei a trabalhar* há dois anos... só antes eu não *trabalhava* [...] (D2-SP-360: 374-6)

Mesmo nas narrativas em terceira pessoa, é bastante nítida a distinção entre primeiro e segundo plano. Por exemplo:

- (45) e a indústria pesada... *foi* inclusive a que... *fez* com que o Japão pudesse... ser... uma potência industrial e por isso tentar dividir o mercado... bom... ocorre a Guerra e... nessa história nada acontece por acaso... né? se... realmente a Guerra *foi perdida* pelos países do eixo... é que as condições... sociológicas... econômicas e políticas etc. etc. *fizeram* com que a Guerra fosse perdida a Guerra... entretanto foi uma guerra geral né?... aonde os inimigos... eh derrotados *eram* inimigos fortes... (é) claro... eu *dei* o seguinte exemplo... em aula anterior... se quem tivesse perdido guerra não fosse o Japão... já reconhecidamente... uma... potência antes da guerra... que *consequia* às CUSTas... de gente demais... território de menos e capi/capital conseguindo... quer dizer... conseguindo e não eh... CANALIZADO como *foi* a experiência americana... se o Japão *conseguiu* tudo isso.... e chegou à Segunda Grande Guerra com a força que ele *chegou*... né?... a imagem que eu *fazia era* a seguinte... se o Japão... fosse uma Birmânia... por exemplo que é um dos países atrasados... as economias industriais que *ganharam* a Segunda Guerra NÃO TERIAM AJUDADO o Japão... quer dizer de outra maneira... se o Japão fosse a Birmânia... né?... as economias industriais... européias e americana... e... a socialista União Soviética *QUERIAM MAIS É QUE A BIRMÂNIA MORRESSE*... mas *sabiam* que a Birmânia não era o Japão.

(EF-RJ-379: 146-70)

Podemos verificar que os verbos no perfeito relacionam-se, de forma geral, com o evento histórico narrado, qual seja a participação do Japão na Segunda Guerra Mundial. Como esses verbos se classificam, em sua maioria, como verbos de ação ou processo (*fez, foi perdida, conseguiu, chegou, ganharam*), acompanhados por A, agente ou paciente, não é difícil verificar que eles formam o arcabouço do primeiro plano narrativo; já os verbos no imperfeito relacionam-se com explicações e justificativas e são, em sua maioria, verbos de estado (*eram, era, queiram, sabiam*). As narrativas de terceira pessoa possuem um nítido caráter informativo, pois nelas o locutor relata, em tom genérico e impessoal, fatos de que não foi protagonista.

4. Formas de pretérito perfeito/imperfeito e transitividade

Depois de termos examinado o uso do pretérito perfeito/imperfeito em relação com aspectos de natureza textual, passamos, agora, a analisá-los no âmbito da frase. Para tanto, tomamos como ponto de partida o trabalho de Hopper e Thompson (1980) sobre transitividade. Esses dois autores, baseados no pressuposto de que a transitividade constitui uma propriedade central do uso da língua, buscam mostrar que: 1. ela corresponde a uma relação crucial na língua, com conseqüências numerosas na gramática; 2. suas propriedades são definidas discursivamente. Explicam também que tal propriedade envolve um certo número de componentes que co-variam entre si; por isso, propõem-se a isolar os elementos constitutivos da noção de transitividade e a estudar como as línguas a codificam.

Hopper e Thompson afirmam ainda que os fatos sugerem que apenas princípios de natureza pragmática justificam a transitividade. Se não houvesse ligação com uma função comunicativa, os componentes da transitividade teriam entre si apenas uma relação arbitrária. Em outros termos, a transitividade, vista sob um ângulo fraseocêntrico, teria validade provisória e incompleta (Hopper e Thompson, 1980, p. 295).

Esses dois autores analisam a transitividade considerando dez parâmetros que a definem: número de argumentos, cinese, aspecto, pontualidade, volição, afirmação, modo, agentividade, afetamento de O (A_2) e individuação de O (A_2). Como podemos observar, de acordo com esta proposta, a transitividade não se mede por um traço único, mas é constituída por uma série de parâmetros que permitem estabelecer uma gradiência, desde o mais transitivo, que apresenta o maior número de propriedades até o que as possui em proporções menores, sendo, portanto, classificado como menos transitivo.

Verificamos, também, que entre os vários parâmetros de transitividade está o aspecto: uma ação vista como acabada, concluída, ou como ação télica é mais efetivamente transferida para um paciente do que uma ação não dotada de um ponto de conclusão, dõnde a possibilidade de se poder relacionar respectivamente, alta e baixa transitividade com valor télico/atélico.

Tendo em vista o valor aspectual das formas de pretérito perfeito e imperfeito, buscamos verificar em que medida esta noção combina-se com as outras sugeridas como componentes da transitividade. Se Hopper e Thompson têm como objetivo a análise da transitividade em si e todos os problemas a ela relacionados, para nós, suas conclusões estão sendo utilizadas para compreender melhor o uso do perfeito e imperfeito do indicativo. É nosso objetivo, portanto, retomar os estudos de Hopper e Thompson, para verificar em que medida o emprego desses

dois tempos verbais está ligado à transitividade. Para tanto, além dos parâmetros apresentados por esses dois estudiosos, acrescentamos outros, como a oposição de diátese e o caráter [+ determinado] do A₁, porque acreditamos que eles ligam-se direta ou indiretamente à transitividade.

Com relação à diátese, isto é, à oposição entre voz ativa e passiva, observamos que a passiva, devido às suas limitações próprias de apenas se formar com verbos de ação-processo, apresenta, de um modo geral, o traço [+ transitivo], enquanto a ativa reúne tanto o + como o - transitivo por poder formar-se com todos os tipos de verbos. O caráter [+ determinado] do A₁ pode, também, ligar-se à transitividade, porque a determinação do A₁ seria um traço que contribuiria para caracterizar frases como de alta transitividade, o oposto ocorrendo com a não determinação do A₁.

Além disso, embora nos tenhamos apoiado nas sugestões de Hopper e Thompson sobre transitividade, não acompanhamos *stricto sensu* seus parâmetros. Alguns foram mantidos do modo como foram idealizados pelos dois autores, como a polaridade, o número de argumentos, o maior/menor afetamento do A₂, a maior/menor individuação do A₂ e o *realis/irrealis*. Alguns sofreram modificações, como é o caso do agente, da cinesia e do volitivo, que foram examinados conjuntamente, através do valor semântico do A₁.

Deste modo, embora nos tenhamos mantido muito próximos da proposta de Hopper e Thompson, o número de parâmetros por nós utilizado não é o mesmo, nem há correspondência total entre os traços por eles utilizados e por nós.

Assim, tentamos analisar a transitividade no nível frasal, tomando como base os seguintes parâmetros:

- 1 – valor semântico do A₁;
- 2 – polaridade;
- 3 – número de argumentos;
- 4 – maior/ menor afetamento do A₂;
- 5 – maior/ menor individuação do A₂;
- 6 – *realis* versus *irrealis*;
- 7 – diátese;
- 8 – maior/menor determinação do A₁.

Como podemos observar, partindo da classificação de Hopper e Thompson, introduzimos alterações no que diz respeito ao item 1, que trazem conseqüências para o conjunto de parâmetros apresentados por aqueles autores. Com relação à caracterização do argumento 1, que, na proposta de Hopper e Thompson, aparece definido apenas como [+ agentivo], este foi classificado

como [+ agente], [+ causativo], [+ paciente], [+ experimentador], [+ beneficiário] e [+ inativo]. O que define cada um dos tipos é sua relação semântica com o evento ou a ação expressa pelo verbo. Desta maneira, está sendo caracterizado com mais especificidade o valor semântico do argumento 1. Além disso, a classificação proposta permite incluir, em um único parâmetro, a cinesa, a volição e o agentivo de Hopper e Thompson. Tentando estabelecer correspondência entre os parâmetros de Hopper e Thompson e os critérios semânticos por nós adotados, temos o seguinte: o *agente* reúne os traços [+ agente], [+ volitivo] e [+ cinético], o *paciente*, o [- agente], [- volitivo] e [+ cinético], o *experimentador*, o [- agente], [- volitivo] e [+ cinético], o *beneficiário*, o [- agente], [- volitivo] e [+ cinético], o *causativo*, o [+ agente], [- volitivo] e [+ cinético] e o *inativo*, o [- agente], [- volitivo] e [- cinético].

4.1 Valor semântico do A₁

Iniciemos a análise dos parâmetros de transitividade com o estudo do *valor semântico* do A₁. Para a análise dos traços semânticos do verbo e dos argumentos que o acompanham, servimo-nos dos critérios de Borba et al., contidos no *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo* (1991), que se aproximam da proposta de Chafe (1975).

De acordo com esta classificação, temos os seguintes valores semânticos do A1: agente (A), paciente (P), experimentador (E), beneficiário (B), causativo (C) e inativo (I). Ex.:

- (46) [...] o que existia *eram* os bisontes e os mamutes *também* [...] (EF-SP-405: 146) (inativo)
- (47) [...] depois disso ainda *tive* problemas de saúde (D2-SP-369: 76) (inativo)
- (48) [...] ... e que quando eu *comprei* o apartamento... (D2-RJ-355: 165) (agente)
- (49) [...] um tio me *dizia* o seguinte [...] (D2-RJ-355: 8) (agente)
- (59) [...] mas por outro lado *melhorou* o aspecto (por) que (D2-RJ-355: 8) (paciente)
- (51) [...] tanto a Ásia quanto a Europa já... *passavam* por um passado (EF-RJ-379: 41-42) (paciente)
- (52) ... as condições... *fizeram* com que fosse perdida a guerra (EF-RJ-379: 125-127) (causativo)

- (53) eram filmes... que *tocavam* mais as pessoas
(DID-SP-234: 365) (*causativo*)
- (54) [...] ele me dizia que ele *ganhava* [...]
(D2-RJ-355:3) (*beneficiário*)
- (55) Eu *recebi* aqui meu ordenado e...
(D2-RJ-355: 197) (*beneficiário*)
- (56) [...] a população do Japão... *sabia* que
(EF-RJ-379: 65-66) (*experimentador*)
- (57) “Caiu o Ministério” eu *gostei* bastante
(DID-SP-234:28) (*experimentador*)

Nos exemplos acima, temos uma amostra do uso de perfeitos e imperfeitos com cada um dos tipos de valor semântico do A₁. A tabela que se encontra a seguir mostra as proporções em que se relacionam o valor semântico e o uso dessas duas formas verbais.

Tabela 11
Valor semântico do A₁

	Perfeito	Imperfeito	Totais
I	37% = 72/194	63% = 122/194	30,07% = 194/645
A	77% = 231/300	23% = 69/300	46,51% = 300/645
P	89% = 56/63	11% = 7/63	9,77% = 63/645
E	81% = 47/58	19% = 11/58	8,99% = 58/645
B	80% = 8/10	20% = 2/10	1,55% = 10/645
C	85% = 17/20	15% = 3/20	3,10% = 20/645
Totais	67% = 431/645	33% = 214/645	645

Os dados nos mostram que há ligação entre o valor semântico do A₁ e o uso desses dois tempos verbais. De fato, emprega-se mais o perfeito com o A₁ agente, paciente, experimentador, beneficiário e causativo, valores em que há uma relação, seja de agentividade, seja de volição ou de cinesa. Nestes casos, existe certo envolvimento, de agentividade, de volição ou de cinesa, entre o A₁ e a predicação, fato que levou Dowty (1991) a reuni-los sob a denominação de proto-agentes. Por outro lado, o imperfeito ocorre com maior frequência, com o A₁ inativo, em que não há relação de volição, cinesa ou agentividade e, conseqüentemente, não existe também esse envolvimento, motivo pelo qual recebeu o nome de protopaciente (Dowty, 1991).

Podemos afirmar que essa relação entre o uso de formas perfectivas/imperfectivas também já está prevista, de certo modo, pela hipótese de transitividade de Hopper e Thompson, que colocam os A_1 s + agenteivo, + volitivo e + cinético, juntamente com o + perfectivo entre os parâmetros de alta transitividade e, conseqüentemente, os A_1 s - agenteivo, - volitivo e - cinético, juntamente com o - perfectivo entre os parâmetros de baixa transitividade. Apenas não foi analisada por esses autores a relação interna existente entre esses parâmetros, como nós o fizemos.

Para verificar a importância de fatores de natureza frasal como este acima analisado, decidimos compará-lo com um fator de natureza textual, a oposição entre primeiro e segundo planos. Fizemo-lo cruzando os dados de ambos através do programa *Crosstab*, contido no pacote VARBRUL, obtendo o que se segue.

Observando os dados da tabela anterior, verificamos que, no primeiro plano, predomina o uso do perfeito, independentemente do valor semântico do A_1 , em percentuais que variam de 98% a 100%, sendo, portanto, muito reduzido o uso do imperfeito (de 0 a 2%). No segundo plano, por outro lado, predomina o uso do imperfeito, independentemente também do valor semântico do A_1 , com percentuais que variam de 80% a 100%, sendo, conseqüentemente, reduzido o uso do perfeito (de 0 a 20%).

O cruzamento desses dois fatores, o valor semântico do A_1 e o plano discursivo, nos leva a observar que, na escolha de uso dessas duas formas verbais da língua portuguesa, fatores de natureza textual se sobrepõem aos de natureza frasal.

4.2 Polaridade

Passamos, agora, ao exame da *polaridade*. Neste item pretendemos verificar se a oposição entre afirmação e negação, considerada por estes estudiosos um dos parâmetros de transitividade, tem relação com o uso do perfeito/imperfeito no *corpus* sob análise.

Esta oposição relaciona-se à transitividade, na medida em que em uma oração afirmativa se concretiza a relação entre um verbo e seu complemento e em uma negativa a mesma não se dá, mesmo que o verbo se construa com complemento. Ex.:

(58) [...] até a literatura e os filmes mostram né?... como os japoneses eh tiveram que lutar contra o chamado imperialismo branco [...]

(EF-RJ-379: 73-75)

Tabela 12
 Cruzamento de valor semântico do A₁ das formas de perfeito/imperfeito e primeiro/segundo planos

	Agente	Paciente	Experiment	Benefic	Causativo	Inativo	Totais
1º plano perf	100% = 229/230	100% = 55/55	98% = 45/46	100% = 8/8	100% = 17/17	98% = 57/58	99% = 411/414
1º plano imp	0% = 1/230	0% = 0/0	2% = 1/46	0% = 0/0	0% = 0/0	2% = 1/58	1% = 3/414
2º plano perf	0% = 0/0	20% = 1/5	0% = 0/0	0% = 0/0	0% = 0/0	0% = 0/0	1% = 1/152
2º plano imp	100% = 56/56	80% = 4/5	100% = 7/7	100% = 2/2	100% = 1/1	100% = 82/82	99% = 152/152
imp	80% = 229/286	93% = 56/60	85% = 45/53	80% = 8/10	94% = 17/18	41% = 57/140	73% = 412/567
perf	20% = 57/286	7% = 4/60	15% = 8/53	20% = 1/10	6% = 1/18	59% = 83/140	27% = 155/567
Total	50,4% = 286/567	10,6% = 60/567	9,3% = 53/567	1,8% = 10/567	3,1% = 18/567	24,7% = 140/567	567

(59) [...] e a melhor maneira que ele *encontrava* para se defender *era* atacando [...]

(EF-RJ-379: 76-77)

(60) [...] eu não te *falei* eu gosto mais de comédia [...]

(DID-SP-234: 151-152)

(61) [...] tanto a Ásia como a Europa... já... passavam por passados... o que não *acontecia* com a América e com a África [...]

(DID-RJ-379: 49-51)

Os exemplos acima mostram-nos que a polaridade é um favor decisivo para avaliar a transitividade, pois junto a um verbo de ação o A_1 deixa de atuar como agente, devido à presença de uma negação, como em (60), fato que não ocorre em (58) e (59), onde não se tem a polaridade negativa.

Tabela 13
Relação entre perfeito/imperfeito e polaridade

	Perfeito	Imperfeito	Totais
Positiva	69% = 429/619	31% = 190/619	90,50% = 619/684
Negativa	54% = 35/65	46% = 30/65	9,59% = 65/684
Totais	68% = 464/684	32% = 220/684	684

Pela tabela acima, constatamos que no *corpus* analisado predominam orações afirmativas (90,5% — 619/684) sobre as negativas (9,59% — 65/684). Predomina também o uso do perfeito (68% — 464/684) sobre o imperfeito (32% — 220/684).

Nas orações afirmativas, temos 69% (469/619) de perfeitos para 31% (190/619) de imperfeitos. Nas negativas, verificamos que, embora predominem formas de perfeito (54% — 35/65) sobre as de imperfeito (46% — 30/65), há uma alteração nos percentuais de uso das duas formas, observando-se um aumento no uso do imperfeito em detrimento do do perfeito.

Esses dados nos mostram que a diferença de polaridade pode acarretar alterações na frequência de uso dessas duas formas, fato este que se liga à transitividade, uma vez que em orações negativas o complemento não é afetado/efetuado pelo verbo, mesmo que o verbo o exija, o que não ocorre nas afirmativas.

Neste caso, embora o A_1 seja agente, paciente ou experimentador, se a oração é negativa, a ação ou o processo não se concretizam, invalidando, desse modo, a possível atuação do valor semântico do A_1 .

Assim, com relação a este fator, podemos falar, também, que há uma relação entre a polaridade, a transitividade e o uso de formas perfectivas e imperfectivas do verbo.

4.3 Número de argumentos

Passando à análise de outro parâmetro de transitividade de Hopper e Thompson, o *número de argumentos* que acompanha a predicação, observaremos em que medida esse traço atua no uso desses dois tempos verbais. O número de argumentos é realmente um traço que define a transitividade, pois que ela só se realiza com dois ou três argumentos. Ex.:

- (62) [...] apesar de que a unidade não *era* cruzeiro...
(D2-RJ-355: 20) (um argumento)
- (63) [...] ... quando ele casou...
(D2-RJ-355: 10) (um argumento)
- (64) [...] o sujeito *pagava* quinhentos cruzeiros
(D2-RJ-355: 19-20) (dois argumentos)
- (65) ... uma universidade que *apoiou* um curso universitário
(D2-RJ-355: 95-96) (dois argumentos)
- (66) [...] um tio me *dizia* o seguinte[...]
(D2-RJ-355: 95-96) (dois argumentos)
- (67) [...] então ele me *dizia* que ele ganhava
(D2-RJ-355: 8) (três argumentos)
- (68) [...] *era* sábado à noite...
(DID-SP-234: 120-121) (zero argumento)

Nos exemplos acima, temos ocorrências de uso do pretérito perfeito e imperfeito, com zero e com um argumento, que se ligariam à baixa transitividade, e com dois e três argumentos, que, por sua vez, teriam ligação com a alta transitividade. Vejamos, a seguir, na Tabela 13, como se relaciona o uso desses dois tempos com este parâmetro de transitividade.

Observamos, através dos dados da Tabela 14, que predominam, no *corpus* analisado, predicações com um (37,13% — 254/684) e dois argumentos (58,77% — 402/684), sendo raros os casos de três (3,51% — 24/684) ou nenhum argumento (0,58% — 4/684). Com relação ao uso desses dois tempos verbais, o uso do pretérito perfeito predomina sobre o do imperfeito com 1, 2, 3 e 0 argumentos, embora se note uma diferença de proporções em que este

fato ocorre. Essa diferença se revela da seguinte maneira: o predomínio do perfeito é mais acentuado com 2 e 3 argumentos (75% — 302/402 e 67% — 16/24), diminuindo seu uso a favor do imperfeito (56% — 143/254) nas situações em que há um único argumento. Os resultados sugerem uma relação entre o uso desses dois tempos verbais e a presença de um, dois ou três argumentos, que, por sua vez, se liga à transitividade, pois predicções com um argumento se definem como de baixa transitividade e com dois ou três, de alta. Se com um argumento aumenta o uso do imperfeito, significa que seu uso se liga à baixa transitividade.

Tabela 14
Relação entre perfeito e imperfeito e número de argumentos

	Perfeito	Imperfeito	Totais
1	56% = 143/254	44% = 111/254	37,13% = 254/684
2	75% = 302/402	25% = 100/402	58,77% = 402/684
3	67% = 16/24	33% = 8/24	3,51% = 24/684
0	75% = 3/4	25% = 1/4	0,58% = 4/684
Totais	68% = 464/686	32% = 220/684	684

Realmente, as situações com um argumento são, normalmente, ocorrências com verbos de estado, e com dois ou três, com verbos de ação, ação-processo ou processo, o que reforça a relação entre o uso desses dois tempos e a transitividade.

A importância deste fator, que atua no nível da frase, levou-nos a opô-lo a um fator textual, a oposição entre 1^o e 2^o planos, do mesmo modo como o fizemos com o valor semântico do A₁. Deste cruzamento obtivemos os dados da Tabela 15.

Analisando os dados dessa tabela, constatamos que plano narrativo é um fator muito forte, quando comparado com outros, como o número de argumentos. Realmente, este anula a força do número de argumentos, que, ao ser examinado de *per si*, mostrou-se um fator relevante.

Tabela 15
Cruzamento de número de argumentos das formas de perfeito/imperfeito e primeiro/segundo planos

	1 argumento	2 argumentos	3 argumentos	0 argumento	Totais
1º plano perf	99% = 128/129	99% = 296/198	100% = 16/16	100% = 3/3	99% = 443/446
1º plano imperf	1% = 1/129	1% = 2/298	0% = 0/0	0% = 0/0	1% = 3/446
2º plano perf	0% = 0/0	1% = 1/71	0% = 0/0	0% = 0/0	1% = 1/159
2º plano imperf	100% = 78/78	99% = 71/71	100% = 8/8	100% = 1/1	99% = 158/159
perf	62% = 128/207	80% = 297/370	67% = 16/24	75% = 3/4	73% = 444/605
imperf	38% = 79/207	20% = 73/370	33% = 8/24	25% = 1/4	27% = 161/605
Totais	34,2% 207/605	61,1% = 370/605	4% = 24/605	0,7% = 4/605	605

4.4 Maior/menor afetamento do A₂

Ao analisar este parâmetro de transitividade de Hopper e Thompson, gostaríamos de salientar que o afetamento de um complemento por parte de um verbo não é um traço que define a transitividade em nossa tradição gramatical. Assim, encontramos no *Oxford English Dictionary* (1965), o verbete transitividade, que revela o que seria o conceito de transitividade, no inglês, desde 1571: *of verbs and their construction: Expressing an action which passes over to an object; taking a direct object to complete the sense*, não havendo nenhuma referência a afetamento do A₂.

O fato de um nome completar o verbo não implica necessariamente no afetamento do A₂. Há muitos casos de complementos não afetados. Ex.:

- (69) [...]... e *encostou* as mãos na parede
(EF-SP-405: 184-185) (maior afetamento)
- (70) [...] a imagem que eu *fazia*... era a seguinte
(EF-RJ-379: 76-77) (maior afetamento)
- (71) *assumi* também uma::secretaria de APM
(D2-SP-360: 166) (menor afetamento)
- (72) [...]... isto é *levava* um tipo de vida nômade
(EF-SP-405: 69-70) (menor afetamento)

Considerando os quatro exemplos acima, temos que no (71) e (72), embora haja um elemento que complementa o sentido do verbo, nesses dois casos não há afetamento, pois tanto um como outro A₂ não sofrem mudança nenhuma, nem de estado nem de posição. Esta se verifica nos exemplos (69) e (70), pois aí há afetamento, tanto nas mãos, pois são deslocadas, como na imagem, que é construída.

Vejamos, a seguir, a relação entre estes dois parâmetros de transitividade através da Tabela 16.

Tabela 16

Relação entre perfeito/imperfeito e maior/menor afetamento do A₂

	Perfeito	Imperfeito	Totais
Menor	70% = 117/167	30% = 50/167	66% = 167/254
Maior	78% = 68/87	22% = 19/87	34% = 87/254
Totais	73% = 185/254	27% = 69/254	254

Observando os dados contidos na Tabela 16, constatamos que entre todas as formas de pretérito levantadas predomina o menor afetamento (66% — 167/254) sobre o maior (34% — 87/254).

Analisando o emprego das formas de perfeito e imperfeito em relação com o maior/menor afetamento do A2, verificamos ser constante o percentual de formas de perfeito/imperfeito com os dois tipos de A2. Assim, temos: 70% de perfeitos com menor afetamento e 78%, com maior; e, conseqüentemente, 30% de perfeitos com menor afetamento e 22%, com maior.

Este fato nos leva a deduzir que, no *corpus* analisado, o maior/menor afetamento do A2 praticamente não apresenta influência na escolha de formas perfectivas ou imperfectivas de pretérito.

4.5 Maior/menor individuação do A₂

Individuação do A₂ é outro parâmetro utilizado por Hopper e Thompson (1980) para definir o maior/menor grau de transitividade. Realmente, se a transitividade define-se pelo fato de um SN completar um V, um N ou um Adj, esta concretiza-se de maneira mais efetiva se o nome for individuado do que se for um nome usado em sentido genérico ou um nome abstrato, que não são, de modo geral, suscetíveis de individuação. Ex.:

- (73) [...] eu só *coloquei* mais trinta cruzeiros
(D2-RJ-355: 194) (maior individuação)
- (74) [...] eu *assisti* a boda de ouro dele
(D2-RJ-355: 10-11) (maior individuação)
- (75) [...] porque (o milagre japonês) *teve* um início de industrialização
(EF-RJ-379: 181-182) (menor individuação)
- (76) [...] a gente *via* eh casais
(DID-SP-234: 141) (menor individuação)

Nos exemplos (73) e (74), temos complementos concretos individuados, no (75), um abstrato não individuado e, no (76), um concreto também não individuado.

Estamos, desse modo, diante de vários graus de transitividade: em (73) e (74), temos o mais alto grau, considerado por meio do parâmetro individuação, pois um argumento identificado numericamente é, por definição, mais individuado do que um que não o é, como ocorre em (75) e (76). Além disso, um nome

abstrato, devido a sua própria natureza, é não contável, apresentando, portanto, grau menor de transitividade, como constatamos em (75).

Tabela 17

Relação entre perfeito/imperfeito e maior/menor individuação do A_2

	Perfeito	Imperfeito	Totais
Menor	68% = 117/171	32% = 54/171	67,32% = 171/254
Maior	82% = 68/83	18% = 15/83	32,68% = 83/254
Totais	73% = 185/254	27% = 69/254	254

Analisando a tabela acima, temos que, no *corpus* em estudo, predominam ocorrências de A_2 não individuado (67% — 171/254) sobre individuado (33% — 83/284).

Comparando o uso das duas formas de pretérito em relação com esse parâmetro de transitividade, temos, com *maior individuação*, um sensível favorecimento para o uso de formas perfectivas (82% — 68/83), ficando as imperfectivas com um percentual reduzido de ocorrências (18% — 15/83). Por outro lado, com *menor individuação* aumenta a ocorrência de formas imperfectivas (32% — 54/171), diminuindo, neste caso, o percentual de formas perfectivas (68% — 117/171), embora nos dois casos predomine o uso de formas perfectivas, como se pode ver na tabela acima.

Percebemos, portanto, também neste caso, uma relação entre estes dois parâmetros de transitividade, o aspecto e a maior/menor individuação do A_2 .

4.6 Diátese

É nosso interesse verificar de que modo relaciona-se o uso desses dois tempos verbais com a voz, ativa ou passiva, porque a diátese, isto é, a oposição entre voz ativa e passiva têm, de certa forma, ligação com a transitividade, na medida em que a voz passiva não se forma com todo e qualquer verbo, mas, de modo geral, apenas com verbos de ação-processo, pois na passiva está implícito o afetamento do A_2 . Ex.:

(77) [...] eu *gostei* de Pernambuco...

(DID-RJ328: 147) (ativa) (verbo de estado)

(78) [...]foi a última que eu *assisti*...

(DID-SP-234: 95) (ativa) (verbo de ação)

- (79) [...] uma terceira razão é que eles *sobrepunham* as imagens [...] (EF-SP-405: 261-262) (ativa) (verbo de ação-processo)
- (80) [...] você já imaginou [...] quanta gente que não *foi...é* éh:: não foi éh:: *preparada* ali... (DID-SP-234: 244-248) (passiva) (verbo de ação-processo)
- (81) [...] sabendo que tinha que trabalhar para sobreviver às outras potências... tá?... e os recursos naturais pequenos... que *eram supridos*... naquela época... com o quê? (EF-RJ-379: 97-100) (passiva) (verbo de ação-processo)

Nos exemplos acima apresentados podemos constatar que, na voz ativa, podem ocorrer vários tipos de verbos, enquanto a passiva é mais restrita, limitando-se, de um modo geral, a verbos de ação-processo, que possuem um A₂ paciente. Assim, a passiva apresenta, em linhas gerais, o traço [+ transitivo] e a ativa reúne verbos tanto [+ transitivos] como [- transitivos].²

Tabela 18
Relação entre perfeito, imperfeito e diátese

	Perfeito	Imperfeito	Totais
Ativa	67% = 432/647	33% = 215/647	94,73% = 647/683
Passiva	86% = 31/36	14% = 5/36	5,27% = 36/683
Totais	68% = 463/683	32% = 220/683	683

Os dados da tabela acima revelam-nos que, no *corpus* analisado, entre todas as formas de pretérito analisadas, predominam as da voz ativa (94,73% — 647/683), ficando um percentual muito reduzido na passiva (5,27% — 36/683).

Comparando os percentuais de uso de cada um desses tempos em relação à voz, temos que a voz passiva favorece sensivelmente o uso do perfeito (86% — 31/36), apresentando percentuais muito reduzidos de uso do imperfeito (14% — 5/36), e a ativa apresenta percentuais mais reduzidos de perfeito (67% — 432/647), favorecendo os percentuais de imperfeito (33% — 215/647). Esses dados confirmam a hipótese acima levantada, segundo a qual não se forma a passiva com todos os tipos de verbos, fato este que leva aos resultados observados na tabela.

4.7 Maior/menor determinação do A₁

Como salientamos, consideramos a maior/menor determinação do A₁ como um traço pertinente para se medir a transitividade, porque um verbo de ação ou ação-processo com o A₁ indeterminado apresenta grau menor de transitividade do que aquele em que o A₁ é determinado. Ex.:

- (82) [...]... nós *paramos* no sexto filho
(D2-SP-360: 34) (determinado)
- (83) [...]... com meu irmão eu já *tinha* curso universitário
(D2-SP-360: 67-68) (determinado)
- (84) [...] nós passamos uma tarde num lugar onde eles *serviram* uma refeição
(DID-RJ-328: 76) (indeterminado)
- (85) [...] uma comida lá feita com feijão que eles *chamavam* de ...baião de dois...
(DID-RJ-328: 180-181) (indeterminado)
- (86) [...]era sábado à noite...
(DID-SP-234: 120-121) (inexistente)
- (87) [...] foi domingo à tarde
(DID-SP-234: 138-139) (inexistente)

Nos exemplos acima, temos dois casos de A₁ determinado, (82) e (83), dois de indeterminado, (84) e (85), e dois de inexistente, (86) e (87), que servem para ilustrar como a determinação/indeterminação do A₁ atua como traço de transitividade.

Tabela 19

Relação entre o uso do perfeito e imperfeito e a determinação/indeterminação do A₁

Tipo de A ₁	Perfeito	Imperfeito	Totais
d	70% = 441/633	30% = 192/633	93,53% = 633/684
i	44% = 21/48	56% = 27/48	7,17% = 48/684
n	67% = 2/3	33% = 1/3	0,44% = 3/684
Totais	68% = 464/684	32% = 220/684	684

Observando a tabela, constatamos que, no *corpus* analisado, é muito mais significativa numericamente a presença do A₁ determinado (93,5%) do que o indeterminado (7,2%), ficando com um número muito reduzido os A₁s inexistentes (0,4%), motivo pelo qual deixaremos de tecer comentários sobre este último tipo.

Os dados da tabela nos revelam nítida preferência pelo uso do perfeito com o A₁ determinado e do imperfeito, com o A₁ indeterminado, fato que seria previsível, tendo em vista que determinado e perfectivo se ligam à alta transitividade e indeterminado e imperfectivo, à baixa.

Verifica-se, deste modo, também neste parâmetro, uma relação nítida entre o grau de indeterminação do A₁, o uso do perfeito/imperfeito do indicativo e a transitividade.

5. Observações finais

O estudo que desenvolvemos sobre o funcionamento das formas verbais de pretérito perfeito e imperfeito no material do NURC-Brasil (*corpus* mínimo do GPF) apresentou dois momentos complementares resultantes das hipóteses de análise formuladas no início de nossas investigações.

Num primeiro momento, o uso dessas formas verbais flexionadas sugeriu a possibilidade de interpretá-las numa perspectiva textual-discursiva. Tal interpretação levou-nos a confirmar que, em português, as formas de pretérito perfeito e imperfeito compõem um paradigma especializado para expressão da distinção aspectual perfectividade/imperfectividade, distinção que se efetiva no plano textual, na medida em que o seqüenciamento (perfectividade — 1º plano) e o não-seqüenciamento (imperfectividade — 2º plano) de acontecimentos constituem o valor discursivo básico, em algum sentido universal, do aspecto, que se apresenta, portanto, como uma categoria motivada discursivamente.

Buscamos, então, verificar em que medida outros valores discursivos associados às noções de planos narrativos e perfectividade/imperfectividade seriam, em português, gramaticalizados pelas formas de pretérito perfeito e imperfeito, levando em conta as sugestões de Hopper (1979).

A análise quantitativa dos dados correspondentes às formas verbais sob análise realizadas no plano da frase mas interpretadas, repetimos, no plano textual-discursivo, evidenciou a procedência da hipótese de se associar à noção de perfectividade os valores: 1) 1º plano; 2) seqüenciação de eventos; 3) integridade ou complementação de eventos; 4) eventos dinâmicos; 5) fatos reais ou com grande probabilidade de sê-lo. Por outro lado, é possível estabelecer correlação entre a noção de imperfectividade e: 1) 2º plano; 2) simultaneidade de eventos; 3) não-integridade ou não-complementação de eventos; 4) estados e situações descritivas; 5) fatos irrealis ou com grande probabilidade de sê-lo.

Com relação às outras duas propriedades do 1ª e 2ª planos narrativos, quais sejam identidade/não identidade de sujeito dentro de cada episódio discreto da narrativa e natureza do tópico sentencial ([+humano], [-humano], variedade de tópicos), os resultados obtidos não confirmam com tranquilidade a hipótese formulada, fato que talvez possa ser explicado pela natureza dos textos do NURC-Brasil.

Num segundo momento, confirmado o valor aspectual das formas de pretérito perfeito e imperfeito, buscamos verificar em que medida esta noção se combina com outras sugeridas como componentes da transitividade. Vimos que Hopper e Thompson (1980), em seu estudo sobre transitividade na gramática e no discurso, sugerem que tal propriedade central da língua não se mede por um traço único, mas é constituída por uma série de parâmetros, sendo um deles o aspecto. Para eles, uma ação vista como acabada, concluída é mais efetivamente transferida para um paciente do que uma ação não dotada de um ponto de conclusão, donde a possibilidade de se relacionar alta e baixa transitividade com, respectivamente, perfectividade e imperfectividade. Em nossa análise foram considerados os seguintes componentes da transitividade, em parte sugeridos por Hopper e Thompson: 1) valor semântico de A_1 ; 2) polaridade; 3) número de argumentos; 4) maior / menor afetamento de A_2 ; 5) maior / menor individuação de A_2 ; 6) *realis* / *irrealis*; 7) diátese; 8) maior/menor determinação de A_1 .

A análise quantitativa dos dados mostra ser pertinente estabelecer correlação entre perfectividade e: 1) sujeito (A_1) agente, paciente, experimentador, beneficiário e causativo; 2) mais de um argumento; 3) maior individuação; 4) *realis*; 5) voz passiva; 6) A_1 determinado. Todos estes componentes sugerem maior grau de transitividade das formas de perfectivo.

Por outro lado, a noção de imperfectividade combina-se com: 1) sujeito (A_1) inativo; 2) um só argumento; 3) menor individuação; 4) *irrealis*; 5) voz ativa (?); 6) A_1 indeterminado. São componentes que sugerem baixo grau de transitividade das formas de imperfectivo.

Não se mostrou pertinente a relação entre formas de perfectivo/imperfectivo e polaridade, por um lado, e maior ou menor afetamento de A_1 , por outro.

NOTAS

- 1 O perfeito não constitui a única âncora temporal do imperfeito: a função de âncora também pode ser exercida por uma expressão adverbial (adjunto adverbial) ou oração adverbial com verbo no imperfeito. Ex.: Quando eu era jovem, eu ia todas as semanas ao futebol.
- 2 Os verbos de percepção, bem como os que indicam emoções, que se enquadram entre os verbos de estado, admitem voz passiva, embora sejam de processo ou de estado, respectivamente. Ex.: Maria foi vista por todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORBA, F. S. (coord.) *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*, 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990.
- CAMPOS, O. G. L. A. S., RODRIGUES, A. C. S. et al. A flexão modo-temporal no português culto do Brasil: formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo. Araraquara, 1993, mimeo.
- CAMPOS, O. G. L. A. S., RODRIGUES, A. C. S. et al. A flexão modo-temporal no português culto do Brasil: plano de trabalho para 1992-1993. Araraquara, 1992, mimeo.
- CASTRO, V. S. Os tempos verbais na narrativa oral. Dissertação de mestrado, IEL, UNICAMP. Campinas, 1980.
- CHAFE, W. L. *Meaning and the structure of language*. Chicago: The University of Chicago Press, 1975.
- COMRIE, B. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- CUNHA, C. F. e LINDLEY CINTRA, L. F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DOWTY, D. "Thematic proto-roles and argument selection", *Language*, vol. 67, nº 3, 1991, pp. 547-619.
- HOPPER, P. J. "Aspect between discourse and grammar: an introductory essay for the volume", in P. J. Hopper (ed.), *Tense-aspect: between semantics*

- and pragmatics*. Amsterdã, Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1982, pp. 3-18.
- HOPPER, P. J. Aspect and foregrounding in discourse, in T. Givón (ed.), *Syntax and semantics*, vol. 12. Nova York: Academic Press, 1979, pp. 213-41.
- HOPPER, P. J. e THOMPSON, S. A. "Transitivity in grammar and discourse", *Language* vol. 56, nº 2, 1980, pp. 251-99.
- LABOV, W. e WALETZKY, J. "Narrative analysis: oral versions of personal experience", in J. Jelm (ed.), *Essays on the verbal and visual acts*. Seattle: Univ. of Washington Press, 1967, pp. 12-44.
- NEVES, M. H. M. "A gramática funcional", trabalho inédito apresentado em mesa redonda incluída na programação da ABRALIN, na 45ª Reunião Anual da SBPC, Recife, 1993.
- TLASKAL, J. "Observações sobre tempos e modos em português", in J. G. Herculaniano de Carvalho e J. Schmidt-Radefeld (orgs.), *Estudos de lingüística portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora, 1984.
- TRAVAGLIA, L. C. Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil. Dissertação de mestrado, IEL, UNICAMP. Campinas, 1991.
- . "Valores discursivos do pretérito imperfeito no indicativo no português", *Anais de Seminários do GEL XV*, Santos, pp. 445-51.
- WEINRICH, H. *Estructura y función de los tiempos en el language*. Madri: Gredos, 1968.